

**FOICES E MARTELOS NO OLIMPO:
A POLÍTICA ESPORTIVA DA UNIÃO SOVIÉTICA E AS
RELAÇÕES COM O MUNDO CAPITALISTA**

Dr. Diego Santos Vieira de Jesus¹

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro, Brasil

dsvj@puc-rio.br

Recebido em 16 de junho de 2010

Aprovado em 22 de agosto de 2010

Resumo

O objetivo é examinar os principais fatores que explicam a política soviética para o esporte, em particular sua relação com o esporte internacional burguês. O argumento central aponta que, na década de 1920, tal política era voltada para um desenvolvimento harmonioso do indivíduo em face da necessidade de preparação para o trabalho e a defesa da União Soviética, bem como para uma crítica ao esporte competitivo burguês, que refletia uma estrutura socioeconômica de exploração dos indivíduos. Diante da decepção com o desempenho limitado do movimento esportivo comunista e do fortalecimento do esporte capitalista a partir da década de 1930, os soviéticos passaram a trabalhar dentro das organizações esportivas burguesas a fim de fortalecer o uso do esporte para a ampliação do prestígio nacional, a mobilização de trabalhadores estrangeiros e a demonstração da superioridade do regime comunista.

Palavras-chave: União Soviética; esporte; política internacional.

Abstract

Hammer and sickle on Olympus: Soviet sports policy and the relations with the capitalist world

The objective is to examine the main factors that explain Soviet policy for sport, in particular its relationship with the international bourgeois sport. The central argument points out that, in the 1920s, this policy was aimed at the harmonious development of the individual in the light of the need to prepare for work and defense of the Soviet Union, as well as at a critique of bourgeois competitive sport, which reflected a socioeconomic structure of exploitation of individuals. Faced with the disappointment with the limited performance of the communist sport movement and strengthening of

¹ Doutor em Relações Internacionais e professor da Graduação e da Pós-Graduação lato sensu em Relações Internacionais do Instituto de Relações Internacionais da PUC-Rio (IRI / PUC-Rio).

the capitalist sport from the 1930s, the Soviets began to work within the bourgeois sports organizations in order to strengthen the use of sport for the expansion of national prestige, the mobilization of foreign workers and the demonstration of the superiority of the communist regime.

Keywords: Soviet Union, sports, international politics.

Na década de 1920, a União Soviética optou por ficar de fora do sistema de esporte internacional burguês, condenando-o como inerentemente capitalista e explorador. O país buscou definir um sistema esportivo internacional alternativo baseado numa vertente proletária da “cultura física”, entendida pelos soviéticos de forma genérica como a extensão de atividades físicas que abarcava jogos, educação física e esporte. Esse último era, em geral, compreendido como sinônimo de suas modalidades competitivas (PEPPARD, 1982, p. 23). A vertente proletária condenava o individualismo e a busca de recordes. Porém, a tentativa soviética de desenvolver um sistema doméstico e internacional coletivista de cultura física baseado na classe e orientado para as massas foi gradativamente superada pela expansão da cultura esportiva transnacional capitalista, orientada para o consumidor e centrada nas elites (KEYS, 2003, p. 414-415).

Já na década de 1930, o regime soviético reduziu sua oposição ao esporte burguês e foi na direção da integração ao sistema esportivo internacional que antes condenara (MORTON, 1963, p. 35). O maior engajamento soviético ao esporte internacional capitalista foi, em parte, resultado de uma nova orientação da política externa soviética, exemplificada em outras áreas na introdução da Frente Popular e na entrada soviética na Liga das Nações em 1934. Tal orientação mostrava a vontade de trabalhar junto à burguesia a fim de combater a ameaça fascista (TIMASHEFF, 1946). A regulação e a supervisão estatais ampliaram-se após a I Guerra Mundial, visivelmente sobre as atividades de lazer com o objetivo de desenvolver soldados e trabalhadores

produtivos por meio de programas de esportes e de educação física. A participação no esporte internacional de elite tornou-se um indicador do poder nacional, já que a competição nessa área oferecia bases para a comparação do sucesso na ampliação e na mobilização dos recursos populacionais (KEYS, 2003, p. 414-416).

O objetivo deste artigo é examinar os principais fatores que explicam a política soviética para o esporte, em particular sua relação com o esporte internacional burguês. O argumento central aponta que, na década de 1920, tal política era voltada para um desenvolvimento harmonioso do indivíduo em face da necessidade de preparação para o trabalho e a defesa da União Soviética, bem como para uma crítica ao esporte competitivo burguês, que refletia uma estrutura socioeconômica de exploração dos indivíduos. Diante da decepção com o desempenho limitado do movimento esportivo comunista e do fortalecimento do esporte capitalista a partir da década de 1930, os soviéticos passaram a trabalhar dentro das organizações esportivas burguesas a fim de fortalecer o uso do esporte para a ampliação do prestígio nacional, a mobilização de trabalhadores estrangeiros e a demonstração da superioridade do regime comunista. Na próxima seção, será examinada a visão soviética sobre o esporte e a cultura física nos primeiros anos após a Revolução de Outubro. A seguir, investigarei o processo de aproximação da União Soviética em relação ao esporte burguês e, logo após, os fatores que permitiram a tal país tornar-se uma potência esportiva na segunda metade do século XX. Nas considerações finais, farei um panorama da crise do sistema esportivo soviético nos últimos anos da Guerra Fria.

A visão soviética do esporte e da cultura física nos primeiros anos após a Revolução de Outubro

No início do século XIX, a difusão da prática do halterofilismo, da luta amadora e do ciclismo na Europa também se fez sentir na Rússia, em que grupos privados formaram centenas de clubes esportivos. A Rússia czarista participou das primeiras competições esportivas internacionais modernas. Em 1894, os russos estavam entre os membros fundadores do Comitê Olímpico Internacional, e atletas desse país competiram nos Jogos Olímpicos de Londres em 1908. O regime czarista reconhecia o valor do esporte e da educação física para o prestígio internacional e para a saúde da população, mas o nível de interesse do Estado e de envolvimento da classe trabalhadora no esporte ainda era menor do que em outros locais da Europa. Contudo, a Revolução Bolchevique de 1917 e a guerra civil abalaram as relações da Rússia com o mundo capitalista, inclusive nos temas esportivos. Ao relegar em segundo plano as organizações esportivas da era czarista e substituí-las por novos órgãos comunistas, os bolcheviques redefiniram as relações estabelecidas entre as organizações russas / soviéticas e capitalistas e procuraram criar sua estrutura separada e distinta para o “esporte proletário”. A cultura física na União Soviética apontava para a ampliação da produtividade do trabalho, o preparo dos trabalhadores para as atividades de defesa e a difusão dos hábitos de coletivismo, higiene e disciplina. Enquanto alguns educadores físicos soviéticos rejeitavam o esporte competitivo como “capitalista” e “corrupto”, outros acreditavam que certos esportes poderiam ser usados moderadamente para conduzir as massas a um regime de exercício. Todavia, todos concordavam que o

individualismo e os hábitos de competição eram vícios que deveriam ser desencorajados (KEYS, 2003, p. 416-417).

Na visão marxista, as instituições sociais como o esporte e a cultura física derivavam da base econômica da sociedade. Como o modo de produção determinava o caráter da vida social, o esporte e a cultura física seriam partes da superestrutura da sociedade. Além disso, como o homem muda tanto a natureza como a natureza dele mesmo, pode-se chegar à conclusão de que há uma ligação entre o trabalho e o exercício físico, ambos servindo como mecanismos promotores de mudança. Marx percebia o valor do exercício físico no desenvolvimento do indivíduo de forma harmoniosa e acreditava que o homem precisava de recreação física, de forma que a educação física deveria compor um sistema ideal de preparação junto ao treinamento intelectual e ao ensinamento das técnicas de produção. Ademais, a cultura física poderia servir para o enriquecimento da personalidade e a autorrealização. Já Lênin enxergava a importância da educação física no treinamento militar e na preparação para o trabalho, concebendo que o esporte seria uma força para o desenvolvimento individual harmonioso. Ademais, ele esperava que a participação em todos os tipos de cultura física seria um meio para que as mulheres se envolvessem mais na sociedade e via, além da dimensão prática da cultura física, que a juventude precisava da “alegria da vida”, como o esporte saudável, a ginástica, a natação e os exercícios físicos de todos os tipos (PEPPARD, 1982, p. 25; RIORDAN, 1977, p. 64).

Contudo, especialistas e líderes soviéticos tenderam, ao longo do tempo, a enfatizar os aspectos práticos e utilitários das ideias marxistas-leninistas sobre cultura física e ignorar a possibilidade da atividade física pela busca de prazer. Os principais especialistas russos a lidar com a atividade física humana como Ivan Pavlov

enxergavam uma relação intensa entre a atividade física e a mental e acreditavam que o exercício físico tinha um efeito benéfico sobre o corpo e sobre o sistema nervoso central. Os pesquisadores soviéticos, baseando-se largamente nos estudos de Pavlov, trataram a educação física e a educação intelectual como processos relacionados, além de que a educação física e o esporte ajudariam a cultivar qualidades morais de vontade e de estética no espírito da moralidade comunista. Assim, o atleta soviético deveria ser um participante consciente da sociedade, que estudaria e conheceria não apenas seu esporte, mas as lições básicas de marxismo e de leninismo. O esporte na sociedade socialista diferiria, assim, em estrutura organizacional e em natureza fundamental daquele desenvolvido na capitalista. Se na primeira o esporte e a cultura física tinham como objetivo o desenvolvimento de qualidades morais, éticas e estéticas do povo e a preparação para o trabalho e a defesa, o esporte competitivo na segunda era concebido como inerentemente corrupto, num momento em que era parte de uma estrutura socioeconômica na qual era usado como meio para explorar os indivíduos, desviar as massas do esforço de luta por justiça social e preparar as pessoas para a conquista imperialista (PEPPARD, 1982, p. 25-26). Como veremos a seguir, tal visão perpetuou-se por um bom tempo, de forma que a perspectiva autêntica da natureza política e marcial do esporte burguês era concebida em contraste com o esporte soviético, cujos propósitos seriam destruir os obstáculos que impediam o crescimento de uma cultura proletária nova e pura e colocar o esporte a serviço das massas, desenvolvendo suas capacidades espirituais e físicas (WASHBURN, 1956, p. 491-492).

A aproximação com o esporte burguês

Com essa visão, os soviéticos se voltaram contra o esporte internacional burguês e buscaram constituir um novo modelo de relações esportivas embasado na cultura

física comunista. Pela primeira vez, o esporte era explicitamente declarado como uma instituição política que tinha um papel significativo na luta entre o proletariado e a burguesia e entre o novo Estado socialista e o mundo capitalista. Entre 1917 e 1928, observa-se a preocupação soviética com a promoção do internacionalismo proletário por meio do esporte e a condenação da autoridade burguesa e social-democrata na área esportiva. Nos anos 1920, a difusão do comunismo pelo mundo foi considerada uma necessidade prática que dependia da existência do Estado soviético, de forma que, na área esportiva, os líderes desse Estado relegaram em segundo plano as organizações esportivas burguesas, recusaram-se a se afiliar a federações internacionais de esporte e boicotaram seus campeonatos e competições, em particular os Jogos Olímpicos, vistos com a finalidade de desviar os trabalhadores da luta de classe para o treinamento para novas guerras imperialistas. Internamente, para o grupo dos “higienistas”, o esporte capitalista trazia competição e poderia trazer prejuízos para a saúde física e mental. Para os membros da *Proletkult* (Cultura Proletária), os esportes organizados que vinham da sociedade burguesa eram relíquias de um passado decadente e degenerações da cultura capitalista. Assim, um novo começo seria trazido pela inovação revolucionária com a cultura física proletária, uma nova forma de cultura física que refletiria os requisitos e os valores da classe trabalhadora e do novo Estado socialista e que não deveria ser governada pelos tipos de esporte, regras e regulamentos inclusos nos Jogos Olímpicos, que refletiam as distinções sociais e os privilégios da sociedade burguesa. Nesse sentido, as excursões esportivas dos atletas além das fronteiras da União Soviética limitavam-se a jogos de futebol contra times de trabalhadores estrangeiros. Ademais, a necessidade de coexistir com os vizinhos e a consideração de que a burguesia estava tendo avanços em muitos deles trouxeram um contato limitado, que não foi maior

porque certos governos recusaram-se a conceder vistos a atletas soviéticos (RIORDAN, 1998, p. 68).

Naquele momento, o sistema esportivo soviético tinha basicamente três objetivos principais: defesa, saúde e integração. Após a Revolução de Outubro, os clubes existentes foram dissolvidos, e seus equipamentos, confiscados para serem usados com fins de preparação militar para a defesa da União Soviética. O Exército Vermelho precisava de um grande número de homens jovens fisicamente saudáveis e fortes. Em relação à educação quanto à saúde, à higiene e à nutrição, o governo desenvolvia campanhas voltadas para o apoio à população soviética nas questões cotidianas e na luta contra o alcoolismo e o comportamento “não-civilizado”, em especial na população rural. Já na busca pela integração, esportes como o vôlei, o futebol e o atletismo eram estimulados em todas as regiões da União Soviética na tentativa de estimular atividades conjuntas (MERTIN, 2008, p. 166-167).

A política externa soviética para o esporte era conduzida num primeiro momento pela Internacional Desportiva Vermelha, formada no Primeiro Congresso Internacional dos Representantes das Organizações Revolucionárias de Esportes dos Trabalhadores como afiliada da Internacional Comunista, em julho de 1921. A Internacional Desportiva Vermelha foi em parte criada para contrabalançar a Internacional Esportiva do Trabalho, criada por iniciativa de social-democratas belgas, franceses e alemães, que patrocinou as primeiras Olimpíadas Proletárias Mundiais em 1925. Em 1928, Moscou realizou seu primeiro grande evento esportivo internacional, a primeira Spartakiad Trabalhadora, dedicada ao décimo aniversário do movimento esportivo soviético. A competição demonstraria o internacionalismo proletário e contrabalançaria os Jogos Olímpicos burgueses no mesmo ano em Amsterdã (RIORDAN, 1998, p. 69-70).

Riordan (1998, p. 69-71) destaca que, após 1928, a União Soviética e a Internacional Comunista reorientaram suas políticas externas em face da necessidade de conter a formação de uma coalizão antissoviética. Na área esportiva, diante da depressão econômica na Europa e do fortalecimento de regimes fascistas na Itália e na Alemanha, a composição tanto da Internacional Desportiva Vermelha como da Internacional Esportiva do Trabalho foram reduzidas, de forma que, na metade dos anos 1930, a estrutura da Internacional Esportiva do Trabalho passou a ser gradativamente minada por Adolf Hitler, e a Internacional Desportiva Vermelha ficou confinada à União Soviética. Segundo Gounot (1998, p. 192-193), a teoria do “socialismo em um só país” na era stalinista nutriu sentimentos patrióticos que a doutrina do internacionalismo proletário não foi capaz de apagar e os legitimou, o que também serviu para ampliar a aceitação do Partido Comunista pela população soviética. O esporte estava começando a ser visto como um símbolo potencial de força e de dinamismo da União Soviética. O nascente interesse soviético em garantir um papel importante nas relações esportivas internacionais estava ligado à consideração do esporte como um recurso de política externa e um objeto de prestígio e de identidade nacional.

Diante do rearmamento alemão a partir da metade da década de 1930, o medo em relação ao avanço do fascismo tornou-se maior, e, naquele contexto, a cooperação entre social-democratas e comunistas se fortaleceu. Embora a unificação das vertentes do movimento esportivo proletário não tivesse sido obtida, as associações esportivas de ambos os lados fizeram um apelo para que os atletas boicotassem os Jogos Olímpicos de Berlim em 1936. Os soviéticos também foram autorizados a participar dos jogos da Internacional Esportiva do Trabalho na Antuérpia em 1937 (RIORDAN, 1998, p. 72-76). Porém, conforme o Conselho de Cultura Física de Toda a União – ligado ao Comitê

Executivo Central e criado em 1930, tendo sucedido o Conselho Supremo para Cultura Física de 1923 – assumia o controle primário dos contatos internacionais esportivos na metade dos anos 1930, a Internacional Desportiva Vermelha foi relegada à insignificância e dissolvida pela Internacional Comunista em 1937. Como aponta Gounot (1998, p. 202), a Internacional Desportiva Vermelha foi eliminada porque passou a ser vista como gradativamente prejudicial aos interesses da diplomacia soviética. Naquele momento, tais interesses seriam melhor servidos por uma relação mais cooperativa com o esporte burguês do que pela manutenção de uma organização que continuava a vê-lo de forma negativa.

Keys (2003, p. 423-425) sustenta que uma nova forma de organização da influência soviética era necessária para preservar sua influência no movimento esportivo de cada país. Em vez de focar sua atenção nas organizações de trabalhadores, os comunistas passaram então a defender o trabalho dentro das organizações burguesas. Em vez de condenar os eventos esportivos como os Jogos Olímpicos como espetáculos imperialistas, o Partido Comunista passou gradativamente a celebrar os ideais e as tradições do esporte moderno. Contudo, as relações da União Soviética com o esporte capitalista continuavam tendo como principais obstáculos a sua não-participação nos Jogos Olímpicos e a sua não-adesão a federações de esportes internacionais que exerciam grande controle sobre a competição internacional. Várias delas mantinham uma atitude bastante crítica em relação aos soviéticos. O Comitê Olímpico Internacional, por exemplo, dizia-se uma organização universalista que não levava em conta divergências políticas, mas não estendeu a adesão à União Soviética. Porém, mesmo diante de tantas dificuldades, o Conselho de Cultura Física de Toda a União – renomeado em 1936 como o Comitê de Toda a União para Cultura Física e Esporte –

considerava gradativamente a adesão da União Soviética a um número de federações internacionais, como as de futebol, tênis, halterofilismo, natação, patinação e atletismo, esportes nos quais os atletas soviéticos tinham desempenhos respeitáveis ou de alto nível (KEYS, 2003, p. 423-425).

No fim da década de 1930, a idéia de que o esporte era uma atividade que deveria servir como um meio de preparação dos trabalhadores para a revolução mundial era distante e era substituída pela noção de que o esporte permitia a ampliação do prestígio nacional, uma idéia que já era bastante disseminada no mundo capitalista. No caso da União Soviética, ela servia também como meio de demonstração da superioridade do sistema comunista (GOUNOT, 1998, p. 200-201). Aos poucos, a reaproximação da União Soviética com o esporte internacional se realizava, mas ainda era consideravelmente incompleta, na medida em que as forças que a impulsionavam eram contidas pela suspeita com relação ao mundo capitalista e pelos receios de contaminação ideológica de seus atletas. Porém, o regime gradativamente aceitava a autoridade de organizações burguesas baseadas em Estados liberais na determinação da forma e do conteúdo dos esportes (KEYS, 2003, p. 417).

Embora os modelos de esportes modernos fossem adaptados ao contexto soviético – aos poucos, eram “sovietizados” –, eles preservavam um núcleo de valores resistente à transformação ideológica total. Assim, as aspirações de consolidação do poder do Estado impulsionaram a União Soviética a participar do mundo dos esportes capitalistas, mas ao preço de abrir a cultura soviética às correntes internacionalistas consideradas subversivas aos objetivos mais amplos do regime. A posição revolucionária na criação de um sistema independente de esportes cederia espaço a uma competição orientada pela busca de resultados no sistema esportivo capitalista. Diante

da decepção com as limitações do movimento esportivo comunista e do fortalecimento do esporte capitalista, o regime soviético passou a perceber que o esporte internacional poderia ser um meio útil de alcançar números maiores de trabalhadores estrangeiros e de impressionar os governos de outros países com a força soviética (KEYS, 2003, p. 417-418).

A idéia de vencer os Estados capitalistas na área esportiva disseminava-se na imprensa soviética já em 1933. A idéia de superação dos recordes burgueses em diversos esportes foi trazida em *slogan* oficial no ano seguinte. O objetivo da campanha era trazer a glória global ao esporte soviético e superar ao menos metade de todos os recordes mundiais dentro de dois ou três anos (SIEGELBAUM, 1988). Novos sistemas de monitoramento do esporte capitalista foram desenvolvidos, bem como traduções de manuais de treinamento e de periódicos de educação física. Técnicos estrangeiros começaram a ser contratados como professores. Assim, o regime começou a organizar campeonatos e disputas entre os atletas soviéticos e os “burgueses” – em geral profissionais ou recordistas – em esportes específicos para que os soviéticos chegassem aos níveis mais altos, testassem suas habilidades e aprendessem diretamente as últimas táticas e técnicas (KEYS, 2003, p. 419-421).

Além disso, um dos papéis propagandísticos do esporte para a União Soviética era a diplomacia cultural, ou seja, a promoção de suas relações com seus vizinhos europeus, como a Tchecoslováquia, a Finlândia, a Hungria, a Noruega e os estados bálticos, e com os asiáticos, como o Afeganistão, a China, o Irã, a Mongólia e a Turquia. Com esses países, tais relações tendiam a se confinar no esporte em que a União Soviética era mais forte: o futebol. Assim, contatos com vizinhos tomaram a forma de partidas entre times locais e nacionais soviéticos e estrangeiros, mas ainda era

perceptível a hostilidade de lideranças de vizinhos como a Polônia e a Romênia com relação ao intercâmbio cultural com a União Soviética. No caso dos contatos regionais feitos na parte asiática desse país, o esporte era utilizado para demonstrar os avanços feitos sob o governo comunista às repúblicas soviéticas consideradas “atrasadas” na Ásia Central, como o Turcomenistão, o Uzbequistão, o Quirguistão e o Tadjiquistão (RIORDAN, 1998, p. 72-76). Como o futebol era o esporte mais popular na União Soviética, os líderes do país desejavam aderir à Federação Internacional de Futebol Associado (FIFA), mas viam as lideranças da organização como hostis pela suposta ligação delas com o *establishment* esportivo nazista (HOBBERMAN, 1995). Em 1938, após intensas negociações, foi proposto um acordo técnico que não equivalia à adesão completa à organização, mas permitiria à União Soviética competir contra membros da FIFA de sua própria escolha.

Após a assinatura do Pacto de Não-Agressão negociado entre os ministros de Relações Exteriores da União Soviética e da Alemanha em agosto de 1939, algum intercâmbio comercial e cultural – inclusive esportivo – desenvolveu-se entre tais países, de forma que a própria propaganda interna abandonou orientações antifascistas. A face disso no mundo esportivo foi a assinatura do acordo entre a União Soviética e a Alemanha para o intercâmbio de atletas. Esgrimistas, nadadores, ginastas, tenistas e jogadores de futebol alemães iriam competir na União Soviética, enquanto ginastas, nadadores e halterofilistas soviéticos competiriam na Alemanha. Com a invasão alemã à Noruega em 1940 e o estabelecimento de um regime fascista nesse país, a União Soviética assinou com ela um acordo esportivo para o intercâmbio de esquiadores para eventos bilaterais naquele ano. Antes da incorporação dos Estados bálticos à União Soviética, acordos esportivos assinados entre o governo soviético e as lideranças desses

países resultaram na ida de boxeadores e lutadores estonianos, patinadores letões e jogadores de basquete lituanos a eventos esportivos na União Soviética (RIORDAN, 1998, p. 76-77).

Ao longo da década de 1930, a profissionalização do esporte na União Soviética intensificou-se, sob a crença de que profissionais praticavam diariamente, tinham disciplina absoluta e ganhavam experiência em eventos internacionais (EDELMAN, 1993, p. 51-53). Com a criação de uma liga profissional de futebol parecida com as existentes no mundo capitalista, por exemplo, os membros do governo soviético passaram a agir de forma radicalmente distinta com relação àquela adotada nos primeiros anos da Revolução. O Conselho de Cultura Física adaptava regras em vários outros esportes a fim de se conformar aos padrões capitalistas e estudava táticas e técnicas de treinamento norte-americanas e européias. Essa transformação do esporte soviético teve como conseqüências a competição entre clubes pelos melhores atletas e a criação de um conjunto de atletas privilegiados e profissionais que não demonstravam o comportamento adequado às orientações do governo soviético, tanto dentro como fora das competições (KEYS, 2003, p. 428-429). Porém, a implantação de programas destinados a encorajar o talento dos atletas era cada vez mais incentivada. O mais conhecido era o GTO (*Gotov k Trudu i Oborone*, “Preparado para o Trabalho e Defesa” em russo), estabelecido em 1931. Ele conferia faixas a pessoas de idades diferentes que tivessem alcançado certos objetivos atléticos estabelecidos pelo governo. Ainda mais duros eram os parâmetros para o Sistema de Classificação dos Esportes de Toda a União, estabelecido em 1949 em cinco categorias. No topo, estava o “Mestre de Esportes por Mérito”, seguido pelo “Mestre de Esportes” e pelas Classes A, B e C. Os

mestres deveriam não apenas servir como exemplos político-ideológicos, mas transmitir sua experiência aos atletas mais jovens (EDELMAN, 1993).

A formação da potência esportiva

Os contatos que a União Soviética estabelecera com o esporte capitalista ao longo da década de 1930 criaram as bases para a sua rápida adesão plena a uma diversidade de federações após a II Guerra Mundial. Ao sair da Guerra com uma posição internacional privilegiada, o regime soviético colocara uma ênfase ainda maior no uso do esporte para projetar e ampliar seu *status* de grande potência. A União Soviética optou por primeiramente entrar nas federações esportivas nas quais estava mais confiante de seu sucesso internacional – futebol e halterofilismo, às quais aderiu plenamente em 1946. A seguir, ingressou nas federações de atletismo, basquete, luta amadora, natação, vôlei, patinação, esqui, boxe e ginástica. Os líderes soviéticos perceberam que poderiam não apenas participar de tais federações, mas negociar concessões – como a colocação de representantes soviéticos em posições de vice-presidência ou liderança de comitês executivos e a inclusão do russo como língua oficial – e criar coalizões dentro das federações para conter a influência norte-americana no contexto da Guerra Fria (KEYS, 2003, p. 431-433).

No fim da década de 1940, a prioridade era o engajamento em competições internacionais em esportes com muita popularidade, nos quais os efeitos sobre a população soviética seriam maiores, e a participação em campeonatos em que o sucesso seria garantido para os atletas soviéticos. Contudo, embora naquele momento a União Soviética apresentasse destaque em esportes como o futebol e o halterofilismo, seu desempenho em outras modalidades esportivas ainda estava aquém dos níveis mundiais.

Isso ocorrera, porque, ao longo da década de 1930, o regime dedicou maior atenção ao esporte como uma forma de treinamento, mas ele ainda não era um assunto que merecesse o mesmo destaque que viria a receber no desenrolar da Guerra Fria. Os financiamentos ainda eram limitados, os equipamentos e as instalações eram de qualidade inferior, e as condições precárias de moradia e de alimentação afetavam o desempenho dos atletas. Mesmo quando esportistas soviéticos eram reconhecidos pelos seus compatriotas e recebiam privilégios, eles não tinham a fama ou a riqueza que se tornavam comuns nos Estados Unidos e na Europa Ocidental. Meios de comunicação – em particular no Leste Europeu – ressaltavam que as conquistas de atletas soviéticos eram produto do sistema político-econômico, desmerecendo a noção capitalista de que as vitórias refletiam o esforço e a vontade individuais (KEYS, 2003, p. 431-433).

Uma nova era nos esportes internacionais começou nos Jogos Olímpicos de Helsinque em 1952, quando os atletas soviéticos fizeram uma estréia esplêndida na competição, justamente um ano após a criação do Comitê Olímpico Soviético, seu reconhecimento pelo Comitê Olímpico Internacional e a participação do representante Constantin Andrianov nesse Comitê. Os países socialistas liderados pela União Soviética conquistaram quase um terço das medalhas naqueles Jogos Olímpicos, de forma que os esportes em países socialistas – em especial os competitivos – tornaram-se cada vez mais partes das políticas governamentais (METSÄ-TOKILA, 2002, p. 197-198). Os atletas soviéticos podem ter tido um desempenho espetacular, mas a sua incapacidade de vencer o título de “equipe não-oficial” fez com que lideranças em Moscou manipulassem a mídia no bloco comunista de forma a reforçar que os esportistas soviéticos triunfaram sobre os demais, como destacara Washburn (1956, p. 499). Desde sua participação nos Jogos Olímpicos em 1952, a União Soviética competiu

nos Jogos em 18 ocasiões. Nos Jogos de Verão, ela teve nove participações, sendo que, em sete delas, a equipe soviética ficou em primeiro lugar no quadro de medalhas e em segundo nas outras duas. Nos Jogos de Inverno, os soviéticos repetiram o feito no quadro de medalhas. Tal participação mostrava que o esporte na visão da União Soviética não era apenas mais um instrumento de propaganda, mas um meio de abarcar bilhões de pessoas ao redor do planeta, uma audiência cuja perspectiva de absorção estava aberta e cujas defesas contra a propaganda estavam reduzidas. Como desenvolve Hazan (1982, p. 18), nenhum Estado entendeu melhor que a União Soviética como atacar os sistemas da audiência, penetrar por todas as defesas e se engajar com a audiência até mesmo emocionalmente por meio do esporte. Ele se mostrava um instrumento capaz de evocar a admiração da audiência pelos vencedores e pelo sistema social que os produziu, promovendo outros interesses desse regime, como a consolidação de seu poder relativo (HAZAN, 1982, p. 18).

Quando a União Soviética decidiu aderir ao movimento olímpico, as Spartakiads internacionais terminaram, mas o termo persistiu para eventos esportivos dentro do próprio país, que iam do nível local ao das repúblicas nas Spartakiads dos Povos da União Soviética, que acontecia duas vezes a cada quatro anos, uma no verão e outra no inverno. A primeira Spartakiad dos Povos da União Soviética ocorreu em 1956. Como aponta Mertin (2008, p. 168), as Spartakiads eram organizadas nos níveis de cidades, regiões, distritos e repúblicas como competições para a qualificação de atletas a fim de selecionar os melhores de cada república para as competições em Moscou. Tais eventos envolviam uma grande quantidade de esportistas nas competições e nas cerimônias de abertura.

Tendo isso em vista, instituições educacionais para atletas começaram a ser desenvolvidas desde o início dos anos 1950 em ligação à construção de um regime mais amplo de escolas especiais de nível secundário. Embora a educação física nas escolas soviéticas fosse bastante pobre em relação aos parâmetros de sociedades na Europa Ocidental, por exemplo, a situação era bem distinta no que dizia respeito aos internatos esportivos, às escolas esportivas diárias e aos clubes e às organizações para atletas mais jovens (SHNEIDMAN, 1978). Antes daquela década, as escolas especiais destinavam-se predominantemente ao ensino de artes e de línguas estrangeiras e eram supervisionadas por diferentes departamentos governamentais. Depois da expansão do sistema escolar soviético durante a era stalinista, as questões relacionadas à melhoria das oportunidades de ensino para os jovens mais talentosos começaram a despontar (DUNSTAN, 1978). O líder Nikita Krushchev abriu as primeiras escolas especiais para esportes e colocou todas as escolas especiais sob um mesmo departamento governamental (ZAJDA, 1980, p. 88-89). O formato das escolas especiais de esportes era inspirado nas de línguas e artes, e seu propósito era a garantia de sucesso da União Soviética nos Jogos Olímpicos e nas outras competições internacionais (METSÄ-TOKILA, 2002, p. 197-198).

Tais escolas eram divididas em três níveis: as escolas esportivas para crianças e jovens, as escolas diurnas orientadas para o esporte e os internatos esportivos. As escolas esportivas para crianças e jovens e as escolas esportivas para crianças e jovens especialistas – conhecidas como “escolas de reserva olímpica”, que se diferenciavam das primeiras por focarem um único esporte – funcionavam fora da educação compulsória e poderiam ser comparadas aos clubes esportivos no mundo capitalista. Após as primeiras participações da União Soviética nas competições internacionais

depois da II Guerra Mundial, mais escolas nesse perfil começaram a ser desenvolvidas. Além disso, o esporte e a educação eram cada vez mais combinados nas escolas diurnas orientadas para o esporte. Embora vários experimentos e combinações de esporte e educação tivessem sido implementados, somente na década de 1970 as autoridades educacionais deram início a um experimento oficial de escolas diurnas orientadas para o esporte, apoiado por técnicos e professores de educação física. Já o primeiro internato oficial voltado para o esporte de elite foi estabelecido em 1962 em Tashkent, seguindo um modelo criado pela Alemanha Oriental, na qual as primeiras escolas desse tipo tinham sido estabelecidas na década de 1950. Porém, a Geórgia afirmava que já vinha desenvolvendo tal sistema de internato esportivo desde o fim da II Guerra Mundial, quando muitas crianças ficaram órfãs após o conflito. Ao longo da década de 1960, a União Soviética estabeleceu essas instituições, de forma que, na década seguinte, havia 24 internatos esportivos em operação e mais 24 estavam sendo planejados (METSÄ-TOKILA, 2002, p. 198-199).

Porém, como aponta Jefferies (1984, p. 172), o sistema de internato esportivo tinha várias limitações, como os altos custos em relação à efetividade do sistema na produção de atletas campeões e, em face de tais custos, a limitação do escopo do programa. Ademais, o clima dos internatos não substituíam de forma adequada as condições do lar, e muitas crianças se mostravam infelizes por passarem um longo tempo longe de casa e de suas famílias. Além desses problemas, havia questões ainda mais profundas na própria estrutura do sistema educacional esportivo na União Soviética. Jefferies (1984, p. 164-167) coloca que a continuidade do sucesso dos atletas soviéticos dependia da preparação de substitutos, que, em pouco tempo, tomariam os lugares da elite atlética do país. Por isso, havia uma ênfase tão grande no treinamento

das crianças e dos jovens. Contudo, os atletas mais jovens enfrentavam dificuldades na divisão de sua atenção entre a formação acadêmica e os esportes. Na União Soviética, o Estado tomara a iniciativa de ajudar os atletas mais jovens a resolver o problema em face do significado que o esporte tinha na sociedade soviética, mas nem sempre os atletas conseguiam manter a atenção nos estudos pela exaustão causada pela carga pesada dos treinos. Todavia, o governo nem sempre se preocupava com tal questão, pois apreciava o uso do esporte como meio de propaganda, sob a crença de que os contatos esportivos internacionais ajudariam a criar e a desenvolver atitudes favoráveis e receptivas em relação à União Soviética (CHATAWAY & GOODHART, 1968, p. 131). Além de servir internacionalmente como um veículo poderoso para a comunicação dos sucessos não apenas do indivíduo, mas do regime comunista (HAZAN, 1982, p. 30-32), o esporte também permitia regular o comportamento doméstico. Por meio dos esportes, as autoridades poderiam integrar a população soviética tão diversa com a organização de competições e campeonatos nacionais e estimular valores, atitudes e comportamentos na população mais jovem, canalizando suas energias para esferas socialmente aprovadas de atividade e evitar as vicissitudes que pareciam levá-la na direção das práticas consideradas “improdutivas” características dos jovens capitalistas, como o alcoolismo, o crime e a mobilização política contra o governo (JEFFERIES, 1984, p. 164-167).

Além disso, o desenvolvimento de um movimento nacional de cultura física e esporte na União Soviética não estava supostamente destinado à diferenciação entre as repúblicas do país, mas à integração de nacionalidades e minorias étnicas numa única sociedade soviética. A cultura física e o esporte foram úteis para a criação de um ideal multinacional coletivo e o desenvolvimento de valores comuns. Porém, cabe destacar que o sistema político centralizador mantinha uma vigilância constante sobre as demais

repúblicas da União Soviética, de forma que a integração soviética nem sempre poderia ser diferenciada de “russificação”, em particular durante a perseguição stalinista quanto às minorias étnicas. Krushchev buscou desenvolver um clima político de maior tolerância que era mais receptivo às demais nacionalidades e menos concentrado na assimilação dos valores russos. Com relação ao esporte, pessoas de cada nacionalidade ou minoria étnica poderiam trazer algum tipo de cultura física específica para a União Soviética em face das grandes diferenças quanto à experiência, aos objetivos e às conquistas em termos esportivos. Essas tradições foram eficientemente usadas por Moscou, por exemplo, ao oferecerem à equipe soviética atletas talentosos como lutadores, boxeadores e halterofilistas da Ucrânia e das repúblicas do Cáucaso, cujas habilidades passavam de uma geração para a outra. Contudo, em face da centralização das atividades esportivas por Moscou, estruturas locais existentes foram dissolvidas e redefinidas de acordo com os parâmetros oficiais (MERTIN, 2008, p. 165-167).

Tal política garantia um excepcional desempenho dos atletas soviéticos em competições internacionais, na organização das quais a própria União Soviética passara a trabalhar. Os soviéticos iniciaram no fim dos anos 1960 a campanha para que Moscou fosse a sede dos primeiros Jogos Olímpicos de Verão no Leste Europeu – e tivessem assim um meio de ampliar seus contatos esportivos internacionais e mais uma oportunidade de usar o esporte como um instrumento de propaganda internacional (HAZAN, 1982, p. 33). Em 1974, o Comitê Olímpico Internacional decidiu que a cidade – que já tinha sido candidata para sede dos Jogos Olímpicos de 1976 – seria a sede dos 22º Jogos Olímpicos de Verão que seriam realizados em 1980. A disputa fora com Los Angeles, e a expectativa dos membros do Comitê Olímpico Internacional era a de que a competição internacional poderia contribuir para a *détente* durante a Guerra

Fria. Os Jogos Olímpicos de Moscou são mais lembrados, contudo, pelo boicote liderado pelos Estados Unidos, ao qual seguiram outros 64 países, em protesto pela invasão soviética ao Afeganistão. Cerca de 80 nações participaram dos Jogos, sendo este o menor número desde 1956. Como forma de protesto contra a invasão soviética ao Afeganistão, atletas de quinze países marcharam na cerimônia de abertura dos Jogos com a bandeira olímpica em vez das nacionais, e o hino olímpico era executado nas cerimônias de entrega de medalhas desses atletas. Como resultado do boicote, esportes como o hóquei e a equitação foram bastante prejudicados, enquanto outros como o boxe, o judô, a natação e o atletismo tiveram mais participantes do que nos Jogos de 1976 (HULME, 1990).

As lideranças soviéticas pretendiam utilizar os Jogos Olímpicos para evidenciar as vantagens do regime comunista, de forma que o governo ordenou que as ruas e os parques de Moscou fossem limpos e que criminosos e prostitutas fossem presos. A expectativa também era a de que os atletas soviéticos dominassem os jogos, o que não foi difícil com o boicote norte-americano: os soviéticos ganharam 195 medalhas. Em 1984, foi a vez da União Soviética de boicotar os Jogos Olímpicos de Verão em Los Angeles, bem como seus aliados do Leste Europeu – como a Alemanha Oriental, a Tchecoslováquia e a Hungria – e Cuba. As lideranças soviéticas justificavam o boicote devido às suas preocupações com a segurança de seus atletas em face dos “sentimentos chauvinistas” e à “histeria antissoviética” nos Estados Unidos, enquanto, no mundo capitalista, tal decisão era vista primordialmente como uma resposta ao boicote liderado pelos Estados Unidos em 1980. O presidente norte-americano Ronald Reagan alegava, contudo, que o receio da União Soviética era o de que seus atletas pudessem desertar (HULME, 1990).

Considerações finais

Desde o fim da década de 1970, mudanças radicais começaram a acontecer no esporte soviético, rompendo boa parte de sua estrutura burocrática. Essa estrutura pioneira controlada pelo Estado evitara até então uma verdadeira avaliação da realidade por trás das estatísticas, bem como concessões para grupos particulares da população. Nessa estrutura, homens determinavam que tipos de esportes as mulheres poderiam praticar, os líderes do esporte convencional determinavam os esportes a que os atletas deficientes físicos e mentais deveriam ou não se dedicar, as pessoas mais velhas determinavam que as mais novas deveriam praticar esportes em seus termos mais antigos e usar seus clubes e instalações, e a liderança política decidia que os esportes competitivos olímpicos eram as únicas formas “civilizadas” de cultura (RIORDAN, 1990). Contudo, vários desses elementos começaram a ser questionados no contexto de maior abertura política e de difusão das idéias liberais com a globalização econômica e cultural.

Embora em 1981 o governo tivesse decretado que as escolas esportivas não deveriam ser confinadas apenas a atletas, muitos soviéticos se queixavam de que os administradores dos centros esportivos e os treinadores tentavam manter entusiastas que não eram atletas de fora. Além disso, a idéia de esporte gratuito foi substituída pela introdução de cobranças pelo uso de piscinas, academias e estádios. Quando em 1987 o governo autorizou a realização de empreendimentos cooperativos, clubes esportivos e academias cooperativas começaram a aparecer. Além disso, os jovens abandonavam as organizações oficiais como os Jovens Pioneiros e a Liga Jovem Comunista e formavam seus próprios clubes e organizações. Embora inicialmente tais iniciativas fossem ilegais,

as autoridades foram incapazes de conter sua criação, de forma que, em maio de 1986, elas alteraram a lei e autorizaram a existência de tais grupos. Na área esportiva, os grupos iam de fã-clubes de times de futebol a organizações voltadas para esportes e atividades para os quais as autoridades ofereciam poucas instalações, como ginástica aeróbica, ioga, jogging e caratê (RIORDAN, 1990).

Além disso, a União Soviética ignorara durante anos e inclusive combatera, desde 1973, a participação de mulheres em esportes considerados prejudiciais ao organismo feminino, como o futebol, o halterofilismo, o hóquei no gelo e o judô, ou que encorajavam o *voyeurismo* masculino, como o pólo aquático. Contudo, ao longo da década de 1980, as mulheres soviéticas participaram de quatro campeonatos nacionais e um internacional de judô, além de que o primeiro campeonato nacional de futebol feminino foi realizado em 1987 no país. Além disso, as mudanças também foram favoráveis aos deficientes físicos e mentais, que até então tinham sido negligenciados pelo *establishment* esportivo soviético. Antes de 1988, a União Soviética não tivera campeonatos domésticos em qualquer nível para os deficientes. No ano dos Jogos Olímpicos e Paraolímpicos de Seul, a Federação de Esportes para os Deficientes teve seu campeonato inaugural em Tallin, na Estônia, resultado de anos de campanha feita por grupos de interesse na sociedade soviética, aos quais aderiram milhares de jovens veteranos mutilados após a ação soviética no Afeganistão. Porém, apenas nas repúblicas bálticas havia condições melhores para que atletas paraolímpicos pudessem treinar. Em Moscou, por exemplo, não havia equipamentos, técnicos, médicos ou instalações adequadas para tais atletas (RIORDAN, 1990).

Cumpra também destacar que temas antes censurados vinham à tona nos anos 1980 e mostravam uma série de problemas no esporte soviético, como arranjo de

resultados em grandes competições esportivas, corrupção de árbitros e consumo de anabolizantes, que até então eram mencionados predominantemente no contexto do esporte capitalista. Uma série de questionamentos passou a ser lançada inclusive sobre as bases do esporte comunista, em particular a sua ética. Ex-atletas como o halterofilista Yuri Vlasov acusavam os atletas soviéticos de usarem anabolizantes por inúmeras décadas, como era o caso do ex-halterofilista olímpico Arkady Vorobiev, um dos primeiros a distribuir esteróides anabolizantes aos membros da equipe de atletas da União Soviética. Além disso, o encorajamento do profissionalismo aberto mostrava que os atletas soviéticos não estavam mais tão destinados a ganhar medalhas e conquistar a glória para seu país, mas a ganhar dinheiro em competições internacionais e viver uma vida capitalista. A questão da remuneração, especialmente quando moedas estrangeiras eram envolvidas, motivava debates, pois os líderes soviéticos afirmavam que os atletas tinham o dever cívico de ceder seus ganhos no exterior em benefício do esporte soviético. Muitos atletas como o tenista Andrei Chesnokov criticavam a parcela ínfima dos prêmios destinada a eles e acreditavam que deveriam ficar com o dinheiro que recebiam como prêmio. A parceira de Chesnokov, Natalia Zvereva, tomou uma atitude sem precedentes em 1989 quando manteve o dinheiro recebido como prêmio nas competições internacionais e se recusou a compensar o Comitê Esportivo. Ademais, críticos na própria União Soviética questionavam a exploração das crianças pela busca da glória esportiva e as “formas desumanas de profissionalismo” a que eram submetidos, por exemplo, adolescentes de 12 e 13 anos na ginástica artística e na natação pelos técnicos soviéticos (RIORDAN, 1990).

Após a queda do regime comunista e o fim da União Soviética, a Rússia e algumas das demais ex-repúblicas soviéticas continuaram tendo desempenhos

relevantes no esporte, mas, herdando muitos dos problemas acima mencionados, muitas delas ainda enfrentam dificuldade na definição de performances como aquelas que a União Soviética obtivera durante o auge da Guerra Fria. Nos Jogos Olímpicos de Inverno em Vancouver em 2010, a Rússia teve um desempenho muito inferior ao que em geral tivera em outras edições, o que inclusive motivou o presidente Dmitri Medvedev a trazer de volta políticas adotadas pelos soviéticos de incentivo ao esporte a fim de evitar um desempenho vergonhoso nos próximos jogos que serão sediados em Sochi, na Rússia, em 2014. Ele chegou mesmo a solicitar que autoridades esportivas russas pedissem demissão. Medvedev lamentou que a Rússia tivesse perdido a “antiga escola soviética” e que a Rússia ainda não tivesse criado a sua desde o fim da Guerra Fria. O chefe do Comitê Olímpico Russo Leonid Tyagachev deixou o cargo, e o ministro do Esporte Vitaly Mutko prostrou-se na TV estatal falando sobre a infraestrutura arcaica e a perda das escolas de técnicos nacionais. Porém, como atletas de elite argumentam, não adianta apenas solucionar tais pontos. Tornam-se imprescindíveis políticas de combate à corrupção, que faz com que boa parte do dinheiro voltado para os esportes não seja devidamente aplicado, bem como medidas de apoio e de patrocínio, destinadas a evitar a fuga de talentos para outros países nos quais os atletas podem ter melhores salários e infraestrutura, bem como treinamento de ponta.

Referências bibliográficas

CHATAWAY, Christopher John; GOODHART, Phillip. *War without weapons*. London: W.H.Allen, 1968.

DUNSTAN, John. *Paths to Excellence and the Soviet School*. Windsor: NFER, 1978.

EDELMAN, Robert. *Serious Fun: a history of spectator sports in the USSR*. Nova York: Oxford University Press, 1993.

GOUNOT, André. Between revolutionary demands and diplomatic necessity: the uneasy relationship between Soviet sport and worker and bourgeois sport in Europe from 1920 to 1937. In: RIORDAN, James; ARNAUD, Pierre. (Ed.) *Sports and International Politics*. Londres: E & FN. Spon, 1998. p. 184-209.

HAZAN, Barukh. *Olympic sports and propaganda games. Moscow 1980*. New Brunswick, NJ: Transaction Books, 1982.

HOBERTMAN, John. Toward a theory of Olympic Internationalism. *Journal of Sport History*, v.22, n.1, p.1-37, primavera 1995.

HULME, Derick L. *The Political Olympics: Moscow, Afghanistan, and the 1980 U.S. Boycott*. New York: Praeger, 1990.

JEFFERIES, Stephen C. Sport and education: theory and practice in the USSR. *Quest*, v.36, p.164-176, 1984.

KEYS, Barbara. Soviet sport and transnational mass culture in the 1930s. *Journal of Contemporary History*, v.38, n.3, p. 413-434, 2003.

MERTIN, Evelyn. Ethnic minorities and national identity in Soviet sport. *Studies in Physical Culture and Tourism*, v.15, n.3, p. 165-170, 2008.

METSÄ-TOKILA, Timo. Combining competitive sports and education: how top-level sport became part of the school system in the Soviet Union, Sweden and Finland. *European Physical Education Review*, v.8, n.3, p. 196-206, 2002.

MORTON, Henry. *Soviet Sport: mirror of Soviet Society*. Nova York: Collier Books, 1963.

PEPPARD, Victor E. The Soviet critique of sport and physical culture. *Quest*, v.34, n.1, p. 23-33, 1982.

RIORDAN, James. *Sport in Soviet society*. Development of sport and physical education in Russia and the USSR, Cambridge, Londres, Nova York: Cambridge University Press, 1977.

_____. Playing to new rules: Soviet sport and perestroika. *Soviet Studies*, v.42, n.1, p. 133-145, 1990.

_____. The sports policy of the Soviet Union, 1917-1941. In: _____.; ARNAUD, Pierre. (Ed.) *Sports and International Politics*. Londres: E & FN. Spon, 1998. p. 67-78.

SHNEIDMAN, N. Norman. *The Soviet road to Olympus: theory and practice of Soviet physical culture and sport*. Toronto: The Ontario Institute for Studies in Education, 1978.

SIEGELBAUM, Lewis H. *Stakhanovism and the Politics of Productivity in the USSR, 1935–1941*. Nova York: Cambridge University Press, 1988.

TIMASHEFF, Nicholas. *The Great Retreat: the growth and decline of Communism in Russia*. Nova York: E. P. Dutton and Company, 1946.

WASHBURN, John N. Sport as Soviet tool. *Foreign Affairs*, v.34, p. 490-499, abr.1956.

ZAJDA, Joseph. *Education in the USSR*. Oxford: Pergamon Press, 1980.